



1290001291



TCC/UNICAMP M348r

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA GISLAINE MARQUES

UM REVELAR DAS PRÁTICAS NÃO-SEXISTAS
DOS MENINOS E DAS MENINAS EM UMA CRECHE
DE HORTOLÂNDIA

Campinas, SP

2004

7747477

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA GISLAINE MARQUES

**UM REVELAR DAS PRÁTICAS NÃO-SEXISTAS
DOS MENINOS E DAS MENINAS EM UMA CRECHE
DE HORTOLÂNDIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado por exigência parcial para
conclusão do curso de graduação em
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Unicamp, sob orientação da Professora Dr^a.
Ana Lucia Goulart de Faria.

Campinas, SP

2004

UNIDADE..	FE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	M348r
V:.....	
TOMPO:	1291
PROC:.....	1171/2004
C:.....	X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	29/10/04
Nº CPD.....	325025

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M348r	Marques, Maria Gislaïne. Um revelar das práticas não - sexistas dos meninos e das meninas em uma creche de Hortolândia / Maria Gislaïne Marques. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004. Orientador : Ana Lúcia Goulart de Faria. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Creches. 2. Relações de gênero. 3. Brincadeiras. 4. Educação infantil. 5. Crianças. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	--

04-114-BFE

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^ª Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria

2^a Leitora: Prof^ª Mestra Patrícia Dias Prado

**Dedico este Trabalho de
Conclusão de Curso
a todas as crianças
que nos ensinam
sobre o brincar.**

Agradecimentos:

À Deus, por guiar-me durante toda caminhada.

À minha mãe, Inês e ao meu pai, José que sempre incentivaram-me a estudar e apoiaram-me nos diversos momentos de minha vida.

Ao meu irmão Everton pela força e incentivo.

Ao André que sempre me apoio e ajudou-me nos momentos de dificuldade.

À Professora Ana Lúcia quem me orientou na elaboração deste trabalho com sabedoria e dedicação, contribuindo para minha formação e com uma nova visão da Educação Infantil.

À Patrícia que aceitou ser a segunda leitora e muito contribuiu com a finalização deste trabalho.

A creche e em especial, as recreacionistas e a professora do Maternal A que me possibilitaram conhecer um pouco mais o brincar dos meninos e das meninas.

As crianças que mais uma vez me mostraram como é bom brincar

Às amigas do curso de Pedagogia que sempre me ajudaram quando necessário.

À todas e todos meu muito obrigado!!!

Ao contrário o cem existe

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas
Dizem-lhe enfim:
que o cem não existe.
A criança diz:
o contrário o cem existe.

(Loris Malaguzzi, *Bambini*, Milão, ano X, nº 2, fev/94)

Resumo:

Com a intenção de contribuir para a formação das profissionais de creche e para a construção da Pedagogia da Educação Infantil, investiguei o brincar das crianças pequenas através de um estudo de caso em uma turma de crianças de 3 anos de idade de uma EMEI do município de Hortolândia.

O objetivo da pesquisa foi focar a especificidade do brincar dos meninos e das meninas juntos e verificar a atitude das profissionais que trabalham com essas crianças em relação a essas especificidades.

Nos primeiros 3 capítulos, discorri sobre a estruturação da EMEI: os seus personagens, os seus espaços e a relação destes com a Pedagogia. Nos demais capítulos, falei sobre a importância da brincadeira, a relação das crianças durante as brincadeiras, o brincar dos meninos e das meninas e a brincadeira como parte do trabalho das profissionais e do não planejamento das mesmas.

A partir das observações em campo, da análise dos episódios e das entrevistas das profissionais pude verificar que as crianças brincam em quaisquer circunstâncias e suas brincadeiras são feitas de acordo com aquilo que lhes dá prazer e curiosidade. Também verifiquei que o brincar faz parte das crianças e que elas não se separam durante as brincadeiras, pois o que procuram são parceiros para o seu brincar.

Além disso, verifiquei a falta de planejamento das atividades realizadas com as crianças por parte das recreacionistas que acabam por ficar apenas com a função de executoras.

Índice:

Introdução.....	1
1. A trajetória: procedimentos da pesquisa.....	5
2. O espaço físico: um dos aspectos relevantes da educação infantil.....	11
2.1 A EMEI.....	16
3. Os atores.....	19
3.1 As crianças.....	19
3.2 As famílias.....	20
3.3 Os profissionais.....	20
4. “Vem brincar aqui”: a relação entre as crianças.....	24
5. “Vocês não têm jeito”: a importância do brincar.....	31
6. O brincar dos meninos e das meninas.....	38
7. O trabalho: desde o planejamento até o brincar das adultas com as crianças.....	46
Considerações finais.....	52
Bibliografia.....	55
Anexos	
Anexo I: planta arquitetônica do prédio.....	61
Anexo II: roteiro de observação.....	62
Anexo III: roteiro de entrevista.....	63
Anexo IV: transcrição das entrevistas.....	64

Introdução

As pesquisas em relação às interações entre as crianças são recentes, uma vez que até a década de 70 quase não houve pesquisas sobre crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas fora da família e quando houve foi em relação à díade adulto-criança e muitas vezes em situação de laboratório.

No entanto, as pesquisas já existentes sobre as relações criança-criança têm contribuído muito para a nova visão que a criança está adquirindo em nossa sociedade. Visão esta que *“cada vez mais percebe a criança como um ser organizado e competente, finamente adaptado às exigências de cada fase de sua vida”*. (Carvalho e Beraldo, 1989, p. 57).

Essa concepção de criança nega a concepção evolucionista que vê a criança como um ser incompetente ou incompleto em suas especificidades, ou seja, a concepção evolucionista concebe a criança como uma mera consumidora de cultura e, portanto, entende que somente ao tornar-se um adulto é que ela produzirá cultura.

Nesta concepção adultocêntrica a criança é educada apenas para um vir-a-ser, isto é, sua educação é voltada para a formação do futuro adulto que um dia se tornará.

Já a nova concepção de criança que iniciou-se através das pesquisas italianas vê que a criança não é egocêntrica, uma vez que esta desde pequena já compartilha seus brinquedos e objetos com as outras crianças. Também que a criança é competente e capaz e, portanto, não deve ser educada para um vir-a-ser, mas sim ser respeitada em todas as suas particularidades, pois são essas particularidades que determinam as diferentes produções culturais infantis.

Assim, foi partindo da “nova concepção” de criança como sujeito de direito e produtora de cultura que iniciei meu trabalho de pesquisa cujo enfoque se deu no brincar das crianças pequenas juntas.

Essa pesquisa é um estudo de caso na área da Educação Infantil que tem por objetivo observar e analisar como ocorre a brincadeira das crianças em uma turma de creche do município de Hortolândia, percebendo as especificidades do brincar do menino e da menina juntos e verificar as atitudes da professora e das recreacionistas¹ em relação a essas especificidades.

O brincar é um dos direitos assegurados às crianças nas políticas brasileiras através dos **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças** (Campos e Rosemberg, 1995). Além do brincar, as crianças têm outros direitos, tais como:

- Nossas crianças têm direito à brincadeira;
- Nossas crianças têm direito à atenção individual;
- Nossas crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante;
- Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza;
- Nossas crianças têm direito à higiene e à saúde;
- Nossas crianças têm direito a uma alimentação sadia;
- Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão;
- Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos;

¹ São mulheres que trabalham 8 horas diárias diretamente com as crianças, desempenhando papel de auxiliar das professoras na creche, no entanto, seu salário é menor apesar de permanecer o dobro de horas com as crianças.

- Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade;
- Nossas crianças têm direito a expressar seus sentimentos;
- Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche;
- Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa²; (p. 11)

Assim, será respeitando os direitos das crianças que as creches, juntamente com os seus profissionais conseguirão priorizar a qualidade da educação e do cuidado, uma vez que essa díade educar-cuidar não pode ser concebida separadamente, pois quando falamos em criança falamos em corpo, em movimento, isto é, falamos de suas diversas linguagens.

Portanto, o presente trabalho é composto de 7 capítulos. No primeiro capítulo descrevo a trajetória da pesquisa, que inicia-se com a escolha do tema e os procedimentos da mesma que constam de levantamento bibliográfico, fichamentos, observação em campo, registro em caderno de campo, elaboração dos roteiros de observação e de entrevista e a entrevista propriamente dita.

No segundo capítulo falo da importância da organização do espaço físico nas instituições de Educação Infantil, descrevo o espaço da creche que foi observada e o analiso segundo os dados coletados e a teoria de autores que falam sobre o espaço físico.

No capítulo 3 comento sobre os atores da EMEI: as crianças, as famílias, os profissionais (as professoras, as recreacionistas, a diretora, a coordenadora pedagógica,

²Esses são os 12 direitos básicos das crianças que frequentam creche, estabelecidos pelo MEC nos Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.

as secretárias, os funcionários da limpeza, da cozinha, da manutenção e da vigilância) e suas respectivas atuações.

No quarto capítulo inicio a análise dos dados, mostrando como é a relação das crianças entre elas e entre elas e os adultos, principalmente nos momentos em que estas estão brincando.

No capítulo 5 faço uma discussão através de relatos de episódios que foram observados em campo a respeito da relevância da brincadeira e a vivência das crianças durante as mesmas.

No sexto capítulo discuto a brincadeira que ocorre entre meninos e meninas juntos e mostro a postura da professora e das recreacionistas perante esse brincar.

No capítulo 7 falo sobre o trabalho das profissionais junto às crianças e a falta de planejamento nas atividades das recreacionistas. Além disso, também discuto sobre a participação da professora e das recreacionistas na brincadeira das/com as crianças, fazendo uma análise da postura das mesmas no trabalho com as crianças.

1. A trajetória: procedimentos da pesquisa

As minhas inquietações em relação às crianças de 0 a 6 anos iniciaram-se quando eu era monitora³ de educação infantil no município de Vinhedo⁴, pois observava constantemente a interação entre elas e o que pude notar é que elas passavam grande parte de seu tempo brincando.

O brincar, assim como todas as demais dimensões humanas não é natural, mas sim construído pelo homem e, portanto, se as crianças brincam é porque também construíram tal conhecimento em casa ou na creche.

Então, o meu interesse no brincar aumentou e, por isso, comecei a observar ainda mais as crianças durante suas brincadeiras e o que percebi é que o brincar é fundamental na prática educativa, pois enquanto brincam, as crianças interagem entre si e produzem cultura.

Nogueira (1997) em sua pesquisa pode concluir a partir de suas observações em campo que *“as crianças produzem cultura sim, fazem história, são competentes e capazes”*. A autora acrescenta ainda que dos diversos momentos *“os mais ricos dessas trocas foram os das brincadeiras”*. (p.63)

Há outras pesquisas que também enfocam essas interações entre as crianças, tais como Carvalho e Beraldo (1989), Wajskop (1990), Bufalo (1997), Prado (1998) e Finco (2000 e 2004).

Assim, foi partindo desta inquietação que optei como tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a brincadeira das crianças pequenas.

³ São mulheres que trabalham 8 horas diárias diretamente com as crianças, desempenhando papel de professora nas creches do município de Vinhedo.

⁴ Em Vinhedo, a creche é oferecida às crianças de 0 a 6 anos, diferenciando-se dos demais municípios. As crianças de 4 meses a 3 anos incompletos ficam o período todo na creche que funciona das 6:30 as 17:00 horas e as de 3 a 6 anos passam um período na pré-escola e outro na creche.

No primeiro semestre de 2003 me matriculei em atividades livres sob a orientação da Profª Ana Lúcia Goulart de Faria para aprofundar-me no assunto e também comecei a frequentar o grupo de estudo Teoria e prática: simplesmente complexo⁵, organizado por tal professora.

Meu trabalho neste momento foi fazer levantamento bibliográfico sobre livros, TCCs, dissertações e teses na biblioteca da Faculdade de Educação, no entanto, tive grande dificuldade, pois não encontrava esses materiais ao utilizar alguns verbetes como: criança, educação infantil, brincar, creche e infância.

Tentando superar tais dificuldades dei continuidade ao levantamento bibliográfico na Internet.

Assim, neste mesmo semestre nos encontros para as orientações discuti uma vasta bibliografia que me trouxe novos conceitos sobre educação infantil e que contribuíram para delimitar melhor o meu objeto de estudo.

A bibliografia discutida é a italiana que traz diversas contribuições por ser a precursora na concepção das crianças produtoras de cultura e a brasileira, de autoras que têm essa mesma visão de criança, como as citadas anteriormente, ou seja, é a de uma Pedagogia ainda desconhecida por muitos profissionais, mas que vem se tornando cada vez mais conhecida, valorizada e empregue nas creches.

Após, entrar em contato com tais bibliografias restringi o meu olhar ao brincar dos meninos e das meninas juntos e, por isso, minha pesquisa é um estudo de caso em uma turma de crianças de 3 anos do município de Hortolândia, já que neste momento trabalho no município como professora no período da manhã.

De acordo com Stake o que caracteriza o estudo de caso

⁵ É um grupo de estudo que ocorre mensalmente entre os profissionais das prefeituras da região de Campinas, no qual discutem a teoria pensando na prática.

...é a focalização de um sistema delimitado, um bounded-system, como Stake gosta de repetir em suas aulas; o caso pode ser um sistema individual ou um sistema social, isto é, uma pessoa, uma escola, um programa, uma entidade...Este sistema deve ser estudado em seu estado natural, ou pelo menos nas condições mais naturais possíveis, portanto não em laboratório...(apud Rabiti, 1999, p.29)

Outros autores que também definem o estudo de caso são Goode e Hatt (1968) ao dizerem que o caso se destaca por se constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo e, portanto, pode ser similar a outros e ao mesmo tempo distinto devido ao seu interesse próprio e singular.

Por isso, apesar de já existirem pesquisas a respeito do brincar da criança o meu recorte é singular, já que enfoco a especificidade do brincar dos meninos e das meninas juntos e a atitude da professora e das recreacionistas perante a essa especificidade.

A leitura e o fichamento dos textos continuaram no segundo semestre juntamente com a pesquisa em campo.

Neste semestre ainda tive a disciplina Educação não-escolar que veio complementar um pouco mais o meu repertório teórico e o Estágio Supervisionado que permitiu-me fazer o primeiro contato com a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil).

Após entrar em contato com a EMEI, iniciei as visitas que ocorreram em dias alternados para melhor conhecer o trabalho desenvolvido pelas recreacionistas na creche. Essas visitas possibilitaram-me coletar os dados que foram registrados no diário de campo.

O diário de campo é um instrumento muito relevante para as pesquisas, pois é a partir dos dados registrados no mesmo que se torna possível uma posterior análise

entre a prática observada e a teoria, já que somente pela relação entre as duas formula-se novas teorias e conhecimentos sobre a prática.

Igualmente a Bufalo (1996) e a Finco (2000), optei por não fazer as anotações no diário de campo em frente às crianças, às recreacionistas e à professora logo de imediato para que pudéssemos estabelecer nossas primeiras relações e com isso, os sujeitos pesquisados se sentissem mais a vontade com a presença de alguém que as observava.

Durante o período de observação procurei centrar o meu olhar na brincadeira dos meninos e das meninas que ocorriam conjuntamente, no entanto outros aspectos também foram observados, uma vez que são de grande relevância para a pesquisa e estão intimamente relacionados ao tema. Os aspectos foram: quais os espaços destinados às brincadeiras, quais os objetos utilizados nas brincadeiras, como é o brincar espontâneo e o dirigido e como é a interação das crianças entre si ou com as adultas (professora e recreacionistas).

Esses aspectos foram elaborados antes do início das visitas na creche, pois serviriam como fio condutor em meu trabalho, porém durante as idas a campo outros aspectos foram acrescentados, pois como em qualquer pesquisa qualitativa novos dados surgem durante o processo de pesquisa.

Esse procedimento de elaborar os aspectos que seriam observados em campo antes do início da visita foi tomado porque de acordo com Ludke e André (1986)

...a observação precisa ser, antes de tudo, controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. Planejar a observação significa planejar com antecedência "o que" e o "como" observar. (p. 25).

Além da observação em campo e do registro, realizei entrevistas com as recreacionistas e com a professora.

Segundo Ludke e André (op. cit)

...a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. (p.34)

Deste modo, a entrevista é um procedimento muito importante nas pesquisas qualitativas para a coleta de dados, pois permite que haja maior *“interatividade entre o pesquisador e o pesquisado, principalmente naquela em que se utilizam questões abertas, onde o entrevistado pode discorrer sobre o tema solicitado”*. (Finco, 2000, p.16)

Por isso, realizei duas entrevistas com a professora e as recreacionistas: a primeira foi uma entrevista aberta e informal que ocorreu na metade do segundo semestre e a segunda foi baseada em um roteiro⁶ que elaborei a partir das observações e dos registros e que serviu para nortear a conversa. A segunda entrevista⁷ foi gravada e ocorreu no final do semestre.

Tal opção por duas entrevistas e de formas diferenciadas ocorreu porque segundo Ludke e André (op. cit) há vantagens e desvantagens na entrevista gravada.

Segundo estes autores nas entrevistas não gravadas já se têm o trabalho de seleção e interpretação das informações obtidas, no qual o próprio *“pesquisador já vai*

⁶ Anexo III

⁷ Anexo IV

percebendo o que é suficientemente importante para ser tomado nota e vai assinalando de alguma forma o que vem acompanhado com ênfase". (p. 37).

Por outro lado, na entrevista gravada não há perda de falas, já todas são registradas e futuramente transcritas para a análise.

Desta maneira, os dados obtidos puderam ser coletados de forma mais completa, uma vez que a mesma fonte de informação pode em diversos momentos falar sobre o assunto.

2. O espaço físico: um dos aspectos essenciais da Pedagogia na educação infantil

O espaço físico não se resume a sua metragem. Grande ou pequeno, o espaço físico de qualquer tipo de centro de educação infantil precisa tornar-se um ambiente, isto é, ambientar os adultos e as crianças: viabilizando o agrupamento de poucas e/ou muitas crianças, misturando as idades, estendendo-se à rua, ao bairro e à cidade, melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo a objetivos das atividades programadas individuais e coletivas, com ou sem a presença de adulto(s) e que permita emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisto, os saberes espontâneos infantis. (Faria, 2003, p. 70)

Assim, o espaço físico não pode ser concebido como neutro, como já disse o antropólogo brasileiro Dayrell (apud Faria, 2003, p. 85), pois o espaço arquitetônico expressa uma determinada concepção educativa, ou seja, nele encontramos várias características de como é desenvolvido o trabalho. Essas características vão desde a arrumação das cadeiras, carteiras e painéis e exposição dos brinquedos e dos materiais, até mesmo à ausência dos mesmos.

Na sala da creche que estagio não há carteiras e cadeiras e essa ausência é um indício de que este espaço pode não ser escolarizante, isto é, não têm por objetivo a antecipação da escolaridade, mas sim pode ser um lugar onde trabalha-se com a visão de crianças produtoras de cultura.

A italiana Anna Lia Galardini da cidade de Pistóia também defende tal idéia e afirmou em Brasília, no IV Simpósio Latino-Americano de Atenção à Criança de 0 a 6 anos e no II Simpósio de Educação Infantil:

Um espaço e o modo como é organizado resulta sempre das idéias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança e dos adultos que a organizaram; é uma poderosa mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças (apud Faria, 1999, p.85)

Entretanto, vê-se uma contradição nos espaços da EMEI, pois enquanto que as salas da creche diferenciam-se do espaço escolar devido à ausência de carteiras e cadeiras, as salas de pré assemelham-se por causa da existência das mesmas. Contudo, também diferenciam-se, pois a organização das carteiras e das cadeiras é diferente do ensino fundamental.

Nas salas de pré, as carteiras e as cadeiras são expostas em forma de cantinhos e a turma não faz uma mesma atividade ao mesmo tempo, pois em cada cantinho é proposto uma atividade. Nestes cantinhos, as crianças sentam-se voltadas para a atividade que realizam, no entanto, no ensino fundamental, as carteiras e as cadeiras são dispostas em fileiras que são voltadas para a professora e o quadro negro que estão na frente da sala.

No maternal A, ao contrário os materiais e os brinquedos são colocados também em grupo, porém no chão ou em cima do tapete e as crianças os escolhem de acordo com o seu interesse, isto é, com sua vontade naquele momento.

Com isso, pode-se levantar a hipótese de que aos poucos a criança é encaminhada a escolarização, principalmente a partir dos 4 anos, uma vez que na creche, o seu direito a um espaço aconchegante, seguro e estimulante está sendo respeitado, pois este é organizado para o brincar da criança. Na pré-escola, por sua vez, o espaço nos revela que as crianças ficam grande parte do tempo sentadas, já que o

número de carteiras e cadeiras é proporcional ao de crianças, isto é, há uma carteira e cadeira para cada criança.

Todavia, apesar deste diferencial no espaço da creche e da pré-escola ter sido levantado, não será discutido em tal pesquisa, ficando assim para uma próxima ou para alguém que também se inquiete com esse fato.

Na creche, o espaço começa a ser voltado para as culturas infantis. Culturas estas que não separam o corpo da mente, mas sim os concebem indissociáveis e, portanto, não quer crianças passando a maior parte do tempo sentadas, pintando desenhos estereotipados que foram feitos em mimeógrafos, ou seja, que são todos iguais.

Uma prática educativa ou uma profissional que acredita que seu trabalho se faz através das crianças pintando tais desenhos mimeografados, concebe que as crianças são todas iguais, isto é, que não há diferenças em seus comportamentos, atitudes e sentimentos. Já a profissional que organiza um espaço com atividades diferenciadas, entende que as pessoas são diferentes e que suas particularidades devem ser respeitadas.

No maternal essas diferenças são respeitadas, pois durante as idas a campo não observei em nenhum momento as crianças tendo de realizar a mesma atividade. No próprio brincar, os movimentos vividos pelas crianças eram diferentes, pois algumas estavam em grupos maiores, outras estavam em dupla ou trio, umas brincavam em pé, outras sentadas e outras correndo.

Por isso, a creche diferencia-se da escola, pois respeita as diferenças das crianças, assim como, as particularidades de cada grupo formado durante as brincadeiras. Também, valoriza o brincar da criança, porque é neste brincar que elas produzem as culturas infantis e que interagem com as outras crianças, pois como disse Drummond

...brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. (apud Faria, 2003, p. 85).

Assim, o espaço físico é o lugar onde as crianças manifestarão-se culturalmente, lugar onde trocarão experiências com crianças de outras idades, de sexo e religiões diferentes da sua, isto é, esse espaço deve ser rico para que permita com que as crianças interajam-se e ao interagirem-se produzam cultura.

Esse espaço então, deve ser organizado para que contemple o convívio e o confronto entre as crianças e os adultos e não para pregar a disciplina (o controle) dos mesmos, ou seja,

... deve ser local de vida, (...)em que adultos e crianças possam vivenciar, experimentar, sentir, conhecer, explorar toda a riqueza em que esta atividade encerra, entre fantasias e histórias, danças, músicas, transgressões, imprevistos, sociabilidades, invenções, convites à brincadeira e outras manifestações e expressões culturais de crianças pequenininhas. (Prado, 1999, p.114)

Portanto, *“a organização das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc.”* (Faria, 2003, p. 74), ou seja, esse espaço deve ser pensado para estimular a curiosidade e a imaginação das crianças, mas deve ser deixado incompleto o bastante para que elas próprias se apropriem dele e o transformem através de sua própria ação. (Lima, 1995, p. 136)

A afirmação de tais autoras, nos mostra que a criança é um sujeito que deve ter seus direitos garantidos nas creches brasileiras, como por exemplo, o direito a um

ambiente aconchegante, seguro e estimulante, isto é, a um espaço em que possa desenvolver todas as suas dimensões humanas. (Campos e Rosemberg, 1995, p. 15)

Assim, pela organização do espaço físico ser um importante aspecto contemplado nas pesquisas sobre crianças, convido-os a conhecer o espaço da EMEI pesquisada...

2.1 A EMEI

A EMEI pode ser vista em 5 grandes blocos⁸: o primeiro é o das salas do integral (creche), o segundo do parcial (pré-escola), o terceiro da administração, o quarto da alimentação e o quinto o espaço externo.

No primeiro bloco estão as quatro salas da creche com o seu respectivo banheiro com quatro vasos sanitários próprios às crianças pequenas, dois chuveiros na altura dos adultos e um trocador.

As salas da creche são grandes e cada uma possui dois tapetes, uma talha, 30 colchonetes, uma lousa, uma mesa de adulto, uma cadeira grande e duas pequenas e um armário embutido com doze portas.

Nas seis primeiras portas guardam os travesseiros, os lençóis e os edredons. Nas outras três ficam os materiais “escolares” como as folhas de papel, os gizos, os lápis, os guaches, etc e nas últimas três estão os de higiene, como shampoos, sabonetes, condicionadores, escovas de dente, cremes dentais, pentes, escovas, etc.

Tanto os materiais escolares quanto os de higiene foram enviados pelos pais.

Como dito anteriormente, nas salas da creche não há carteiras e cadeiras para as crianças sentarem, todavia há nas da pré-escola.

Há ainda uma lousa, entretanto esta é utilizada para a marcação do horário dos remédios das crianças, o nome das crianças que sairão mais cedo, o número de crianças que vieram e que faltaram e serve até mesmo para desenharem.

Além disso, a sala do maternal é enfeitada com trabalhos feitos pelas crianças

⁸ Anexo I

junto à professora e as recreacionistas, como a árvore e a cesta de flores de papel picado.

Este é outro indício de que há intenção de valorizar as produções das crianças, uma vez que não se encontram nas paredes da sala desenhos estereotipados de personagens que estão na mídia, ou seja, esses desenhos de personagens não são colocados como modelos às crianças, mas sim, as crianças são incentivadas a produzirem seus próprios personagens.

Essas produções culturais infantis não são somente o produto final, mas tudo o que foi envolvido, *como o modo e as relações de produção e o próprio produtor*, isto é, a criança e todo o processo vivido por ela durante a realização de produto final. (Perrotti, 1990, p 17).

No entanto, por ser recente a valorização das produções infantis, encontramos certa transição, principalmente ao estar preso ao trabalho com o papel e não a utilização de outros materiais, tais como a argila e a madeira. A utilização de outros materiais permite com que a criança crie algo em sua forma real, isto é, na tridimensionalidade.

Além disso, o trabalho com outros materiais na creche se distingue do realizado no espaço-escolar, porque neste as crianças realizam uma única atividade ao mesmo tempo. Já na creche se conhece e se respeita a diferença das crianças e, por isso, oferece-lhes atividades e materiais distintos, ou seja, não é dado uma única atividade para toda a turma, mas as crianças se agrupam de acordo com o seu interesse.

As próprias crianças que estão em um mesmo grupo não realizam a mesma produção, pois cada uma cria algo próprio seu.

Esse movimento das várias criações com particularidades de cada criador, isto é, de cada criança é que possibilita a existência das culturas infantis, uma vez que as culturas infantis são as culturas das diferenças.

No segundo bloco estão as quatro salas do parcial e os dois pátios, onde ocorrem as festas, as apresentações, as brincadeiras, etc. O pátio coberto tem um palco e o outro, um jardim. Estes espaços são utilizados para festas, apresentações de teatros, etc.

No terceiro está o almoxarifado, no qual são guardados todos os documentos da EMEI e a secretaria. Ao lado há a diretoria e a sala das professoras e ao fundo das mesmas há dois banheiros que tem ligações. Por último, está uma outra sala de pré.

Esta por sua vez, como as demais salas da pré-escola possui cadeiras e carteiras.

No quarto bloco tem o banheiro das funcionárias, a dispensa, a cozinha, a lavanderia, o refeitório e o banheiro que tanto o parcial quanto o integral utilizam. Na frente do banheiro há uma pia com 5 torneiras que me informaram que servem para as crianças escovarem os dentes e lavarem as mãos antes das refeições.

Neste outro banheiro também há vasos sanitários e chuveiros próprios às crianças pequenas.

No quinto está o parque, o tanque de areia, o quiosque com uma pia com 3 torneiras, no qual também me informaram que serve para as crianças lavarem as mãos após brincarem no parque ou na areia, a horta e a lagoa. No parque existem quatro balanças, dois escorregadores, dois trepa-trepas e quatro gangorras.

Este é um espaço que pode ser utilizado duas vezes por semana, porém com horário marcado para cada turma, seja do parcial ou do integral. A creche utiliza esse espaço sempre no período da manhã, sendo que o horário do Maternal A de parque é de segunda das 8:00 as 8:40 horas e de areia das 8:00 as 8:40 horas.

3. Os atores

Os atores da EMEI são as crianças, os pais e os profissionais.

3.1 As crianças

A EMEI tem a capacidade de atender 450 crianças nas suas 14 turmas, ou seja, cada turma pode ser composta por até 32 crianças. No entanto, neste ano o número de matrículas foi de 420 crianças que foram distribuídas de acordo com a sua faixa etária.

Assim, as crianças frequentantes têm de um a seis anos e estão nos seguintes turmas

Turma	Idade
Mini-grupo	1 a 2 anos
Maternal	2 a 3 anos
Jardim I	3 a 4 anos
Jardim II	4 a 5 anos
Pré	5 a 6 anos

As duas primeiras turmas são de creche e as outras três de pré, sendo que na creche há duas salas de Mini-grupo e duas de Maternal e de pré têm 3 salas de Jardim I, 4 de Jardim II e 3 de pré.

Na turma que realizei minhas observações, isto é, o Maternal A têm 32 crianças, sendo que há aproximadamente o mesmo número de meninos e meninas, ou seja, é uma turma mista.

3.2 As famílias

A maioria dos pais trabalham, no entanto isto não é critério para a matrícula das crianças na creche.

Os pais dos meninos e das meninas da turma em questão trabalham em empresas ou em comércios do município de Hortolândia ou de cidades da vizinhança. Já as mães trabalham em lojas ou são empregadas domésticas.

As famílias não têm muito acesso a EMEI, pois sua entrada na mesma ocorre pela manhã quando levam seus filhos ou filhas ou quando vão conversar com a diretora ou na secretaria. À tarde para buscarem as crianças precisam esperar no portão – que fica trancado – até que uma recreacionista leve a criança.

As recreacionistas também acabam por conversar com os pais no portão quando entregam as crianças, pois as reuniões são sempre feitas pelas professoras nas salas do parcial no horário em que as crianças chegam, isto é, no horário que as recreacionistas precisam ficar com as crianças.

As famílias participam das reuniões, porém sempre têm muita pressa para irem embora para os seus trabalhos.

3.3 Os profissionais

Os profissionais que trabalham na EMEI podem ser vistos em 3 grupos: o primeiro é o que lida diretamente com as crianças, o segundo é o que cuida da parte administrativa e o terceiro é o responsável pelas atividades complementares ao trabalho pedagógico, como limpeza, manutenção e preparação de alimentos.

Do primeiro grupo fazem parte as 14 professoras e as 9 recreacionistas, do segundo, a coordenadora, a diretora e as 3 secretárias e do terceiro, as 4 funcionárias da limpeza, as 3 cozinha, os 2 da manutenção e o vigilante.

As professoras

A EMEI conta com 14 professoras, das quais 4 têm somente o magistério, 4 estão cursando Pedagogia e 6 já tem nível superior, sendo 5 em Pedagogia e uma em Letras. Além disso, das 6 com nível superior uma tem duas graduações na área de Educação e duas tem pós-graduação.

Dessas 14 professoras, 4 são da creche e 10 do pré. As professoras da creche ficam com as crianças no período da manhã, mais especificamente das 7:00 as 11:00 horas, já as do parcial é das 8:00 as 12:00 horas ou das 13:00 as 17:00 horas.

Das 14 professoras da EMEI, 10 trabalham em outros lugares, tais como EMEI's e EMEF's (Escola Municipal de Ensino Fundamental) particulares, escolas estaduais e em outras EMEI's do próprio município.

As recreacionistas

O número de recreacionistas é 9, porém em cada sala ficam duas, totalizando 8, pois uma é volante, isto é, ela fica na EMEI substituindo as recreacionistas quando

faltam ou abonam. O horário de trabalho delas é das 7:00 as 16:00 horas ou das 8:00 as 17:00 horas.

As recreacionistas são em sua maioria mães e esposas que possuem uma jornada dupla, para não dizer tripla, pois além de trabalharem na creche, têm responsabilidades com suas casas, seus filhos, seus maridos e consigo mesmas, enquanto mulheres.

A maioria trabalha na creche por opção, porém busca se tornar professora, pois considera que o seu trabalho não é valorizado, já que realiza o mesmo trabalho que as professoras e ganham menos que as mesmas.

Por isso, algumas já voltaram a estudar para conseguirem mudar de cargo na creche. Das 9 recreacionistas, 3 estão cursando magistério de 2 anos oferecido pela prefeitura e uma cursa Pedagogia. Já outras duas estão cursando o supletivo para concluírem o ensino médio, pois antes só tinham o ensino fundamental.

A coordenadora pedagógica

A coordenadora⁹ é a responsável por orientar o trabalho das professoras e das recreacionistas desta EMEI e de mais duas.

A diretora e as secretárias

Essas profissionais são as encarregadas de organizar e administrar a secretaria da EMEI, cuidando da documentação em geral, seja a respeito das crianças ou dos

⁹ No município de Hortolândia há uma coordenadora pedagógica para 3 EMEI's.

funcionários, como mapa de movimento¹⁰. Também, são responsáveis pelo atendimento as famílias das crianças.

As funcionárias de limpeza, da cozinha, de manutenção e da vigilância¹¹

Em sua maioria são mulheres que tem a função de varrer e lavar o chão, lavar as cortinas, os lençóis, as fronhas e as cobertas, preparar o café da manhã, o almoço e o jantar, fazer alguns reparos e cuidar da horta.

A vigilância é feita por um homem no período da noite quando não há mais atividades neste espaço.

¹⁰ O mapa de movimento é onde se registra as ausências dos funcionários da EMEI para enviar a Secretaria de Educação que realizará o pagamento mensal.

¹¹ Os únicos funcionários homens são os da manutenção e os da vigilância

4. “Vem brincar aqui”: a relação entre as crianças

De acordo com a LDB¹² 9394/96, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e é um direito garantido não só às mulheres-mães que assumiram novos papéis em nossa sociedade, mas também às crianças de 0 a 6 anos de serem educadas em um contexto público e coletivo. Essa educação deve ocorrer em creches para as crianças de 0 a 3 anos e em pré-escolas para as de 4 a 6.

Essa educação rompe com a prática presente até pouco tempo atrás em que via as crianças frequentadoras da creche como abandonadas em um lugar estranho pelas mães que trabalhavam. No entanto, hoje sabemos que o papel da creche e da pré-escola vai além do assistencialismo, pois as profissionais que atuam nestes locais não são substitutas maternas, mas sim são organizadoras do tempo e do espaço para que as crianças produzam sua cultura na esfera pública.

Tal idéia já foi discutida por Bufalo (1997) ao dizer que

A criança não é apenas o filho deixado pela mãe na creche, mas sim, a pessoa que vai à creche conviver com outros adultos, com outras crianças em idades iguais e diferentes e ao conviver com as diferenças, tem a possibilidade de várias competências. (p. 97)

A criança, portanto, ao frequentar a creche recebe um outro tipo de educação da recebida em sua casa, ou seja, a educação na esfera pública é diferenciada da educação na esfera doméstica, pois enquanto que em casa cada mãe é responsável pelo cuidado de seu filho, na creche, o cuidar e o educar são indissociáveis, uma vez que ocorrem juntos, constantemente e em um contexto coletivo.

¹² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Além disso, na creche a criança relaciona-se com diferentes pessoas ao mesmo tempo, seja outras crianças, a professora, as recreacionistas ou os funcionários da EMEI e isso, garante-lhe experiências diversas da ocorrida em casa. Essa experiência torna-se mais rica ainda porque a relação das crianças se faz entre crianças de idades diferentes, de outro sexo e pertencentes a outras religiões.

Por este prisma, podemos perceber que a relação da criança não é centrada no adulto, mas sim nas próprias crianças que convivem diariamente na creche.

Na concepção adultocêntrica, presente até então, a criança era vista como um ser incompetente ou incompleto, em suas especificidades e, por isso, o adulto assumia a responsabilidade de ensiná-la, enquanto que ela só aprenderia.

A afirmação do autor Marcellino (1990) descreve bem o papel assumido pela criança na nossa sociedade nesta visão adultocêntrica

De um modo geral, o que se observa na nossa sociedade, com relação à criança, é a impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação de um futuro que não lhe pertence. (p. 57)

Mas uma nova concepção emerge, no qual a criança deixa de ser vista como passiva (consumidora de cultura) para assumir o papel de atuante de suas relações, isto é, para ser vista como produtora cultura, cultura esta que se concretiza principalmente no interagir entre as próprias crianças.

O próprio Florestan Fernandes (1979)

...reconhece a existência de uma cultura infantil, “constituída de elementos culturais quase que exclusivos dos imaturos e caracterizada por sua natureza lúdica atual”, distinguindo nela uma “educação da

criança, entre as crianças e pelas crianças". (apud Marcellino, p. 55, 1990).

Desta maneira, o papel assumido pela criança depende da sociedade em que esta está inserida, pois como já disse Rinaldi (2002) a imagem da criança é vista de acordo com sua sociedade. Felizmente, apesar de estarmos em uma sociedade capitalista em que valoriza somente as pessoas que produzem, os meus dados mostraram-me que a visão de criança na creche pesquisa não tem por enfoque o que a criança não é e não pode fazer, mas sim o que **ela é e pode fazer** a partir de suas relações com seus coetâneos.

Essa nova relação é muito apreciada entre as crianças como confirma Carvalho e Beraldo (1989) em sua pesquisa, pois "*a criança prefere a interação com outra criança, à interação com adultos e mais, que o contato com outras crianças constitui a experiência social mais freqüente e intensa a partir da primeira infância*" (apud Nogueira, 1997, p. 30)

Tal preferência pode ser constatada no episódio "Minha Casa" quando as próprias crianças resolveram a situação de impasse ocorrida entre elas sem pedir o auxílio das recreacionistas.

Episódio 1:

As crianças acordaram e as recreacionistas começaram a arrumá-las para jantarem. Enquanto isso, o VE e o LD entraram embaixo da mesa e começaram a cantar.

O K foi entrar, mas os outros dois meninos não deixaram e falaram: "Sai da nossa casa".

O K começou a chorar e algumas crianças foram ver o que havia ocorrido. O K falou: "Não querem que eu brinque".

A B pegou na mão do K e falou: "Vem brincar aqui".

A B com algumas outras crianças também brincavam de casinha, porém em outro canto da sala.

Então o VE saiu da mesa e foi até onde estavam as crianças e falou: "Posso ir na sua casa?" A B respondeu que sim.

Enquanto isso acontecia, as recreacionistas penteavam o cabelo de KE e MC.

"Minha Casa" 26/09/03

Neste episódio vemos a interação das crianças tanto no brincar como na forma de solucionar a questão, isto é, em nenhum momento do conflito entre K e os outros dois meninos, alguma criança envolvida viu como solução chamar as recreacionistas, mas elas próprias foram mediando a situação até a solução da mesma. Portanto, vemos que as crianças mesmo pequenas são organizadas e competentes, uma vez que o grupo em questão tem 3 anos de idade.

Além disso, observamos que as crianças preferem interagir com outras crianças do que com adultos, pois nenhuma deixou de brincar para ir sentar-se próximo às recreacionistas, reforçando a conclusão de Carvalho e Beraldo (op. cit).

As recreacionistas por sua vez, não se movimentaram e continuaram arrumando as crianças para jantar.

Da atitude tomada pelas recreacionistas podemos fazer várias indagações, porém a fala da recreacionista LE em uma conversa informal comigo esclarece o papel do adulto na relação com as crianças.

A LE disse que

...nós não podemos interferir quando as crianças estão disputando algo, a não ser que nos chamem ou que vemos que vão se machucar, pois é através do diálogo que aprendem a dividir com os outros. Se eu ou a DO (a outra recreacionista) falarmos “deixa ela brincar ou dá para ela”, não aprenderão, já que não foram elas que chegaram a um acordo, mas nós que obrigamos. (Diário de campo, 16/10/2003)

Assim, meus dados mostraram que as recreacionistas sabem que o seu papel é organizar o tempo e o espaço para as crianças e não colocar-se como aquela que ensina e a criança a que aprende, mas sim estabelecer um outro tipo de relação da esfera doméstica.

Essa organização do tempo e do espaço é

... pensar em um espaço propício para o brincar, não apenas introduzindo materiais neste local, mas organizar um ambiente onde a criança possa inventar, criar sua própria brincadeira, utilizando-se não só de brinquedos prontos, mas, também, criando e recriando a partir de diversos materiais. (Souza, 2002, p. 54)

Palmen (2000) também enfoca essa função das profissionais da educação infantil quando diz que os espaços devem ser provocadores, isto é, que os espaços devem ser organizados para incentivar as crianças a construírem os seus saberes.

Essa construção dos saberes das crianças ocorre principalmente quando estas estão interagindo e, por isso, a importância da promoção da atividade conjunta e não da individualização, como vemos no ensino fundamental.

No maternal, ao contrário as crianças não se isolam em suas atividades, mas sim as realizam em conjunto, como pode ser observado no episódio anterior e em outros momentos, como na hora do lanche, durante as brincadeiras e até quando vão dormir e acordam:

A KA e a DE acordaram por volta das 13 horas e 20 minutos, mas permaneceram deitadas. As meninas estavam próximas e então, a DE segurou a mão da KA e começou a fazer carinho, isto é, através da linguagem do toque começaram a dialogar.

Passado alguns segundos a KA levou sua mão até o rosto da DE e a acariciou. Esta (DE) deu um abraço...

Depois, elas ficaram acariciando uma a mão da outra por mais alguns instantes antes de levantarem. (Diário de campo, 28/11/2003)

Nogueira (op. cit) ainda diz que é *“nesses contatos e trocas que as crianças vão aprender a regular suas relações sociais e atribuir significados a seus atos, estruturando suas experiências”* (p. 33).

Além disso, meus dados me mostraram que essas interações ocorrem frequentemente durante as brincadeiras e por isso, elas são tão relevantes, pois é através dessas interações que as crianças constroem seus saberes, ou seja, nos momentos de

brincadeiras, as crianças vivem a infância e experimentam as sensações juntamente com as outras crianças.

Outro ponto observado neste episódio é que as recreacionistas permitem que as crianças brinquem livremente e isso, é muito importante para que elas interajam, façam suas escolhas e tomem suas próprias decisões, pois nas brincadeiras são elas que decidem o encaminhamento dado à situação.

Essa atitude que vimos das crianças do maternal no episódio anterior mostra que elas são atuantes e não passivas e, portanto, produtoras de culturas e não meras consumidoras.

Além de que, uma das formas da criança construir sua cultura lúdica é brincando, pois *“como qualquer cultura, ela (a cultura lúdica) não existe pairando acima de nossas cabeças, mas é produzida pelos indivíduos que dela participam”*, isto é, as crianças. (Kishimoto, 2002, p. 26).

A cultura lúdica não é o lazer e o não-trabalho como visto pela sociedade capitalista, mas sim a cultura construída através do jogo, da brincadeira, da criação contínua, ininterrupta e intrínseca à produção. (Perrotti, 1990, p. 20).

A cultura lúdica é o movimento das crianças perante as informações que recebem do mundo adulto e transformam em saberes para o seu mundo, ou seja, é a ressignificação do mundo adulto.

Por isso, como diz Faria (1999), a creche é um espaço que deve estar comprometido com o cuidado, a aprendizagem, a sociabilidade e a animação das crianças, isto é, desenvolver ao mesmo tempo o corpo e a mente, o cognitivo, o afetivo e o emotivo, o senso-estético e o pensamento científico com atividades que sejam diferentes da escola e de sua casa. (p. 206).

5. “Vocês não têm jeito”: a importância do brincar

As crianças preferem o contato a outras crianças ao contato com os adultos (como pode ser observado no episódio anterior) e estes ocorrem principalmente durante as brincadeiras. Estas, por sua vez, são essenciais à vida da criança, pois como já afirmou Bufalo (1997) a brincadeira é uma importante forma das crianças poderem ressignificar o contexto e interagir com seus pares.

Sobre a interação das crianças Kishimoto (2002) diz que

Interagindo com pares e parceiros de brincadeiras, participando em grupos organizados de brinquedos e freqüentando escolas maternas, crianças produzem conjuntamente a cultura de pares. Tais experiências permitem gradual transformação do conhecimento infantil e de suas habilidades. (p.44)

Então, as crianças estão sempre interagindo com as outras e fazendo dessas interações momentos de brincar, como podemos observar no episódio 2.

Episódio 2:

Após o passeio as crianças foram jantar.

No refeitório, receberam as canecas para beberem o suco e enquanto as recreacionistas foram pegar as jarras a D colocou a sua caneca dentro da caneca da SY que por sua vez colocou as duas canecas dentro da caneca da KE...

Assim, quando a LE e a DO viraram para colocar o suco viram umas seis canecas empilhadas. A DO falou: "Se não arrumarem as canecas ninguém ganha suco".

Então, as crianças desfizeram as pilhas para poderem beber o suco, entretanto, ao terminarem de beber voltaram a fazer pilhas com as canecas.

A DO viu e falou: "Vocês não tem jeito" e começou a rir.

"A pilha de canecas" 05/11/03

Neste episódio, observamos que as crianças fizeram do jantar um momento para sua brincadeira. Brincadeira esta que iniciou com a D e a KY, mas que depois envolveu outras crianças.

Na brincadeira com as canecas podemos interpretar a ação das crianças como forma de imitar os adultos, mas um imitar que representa vivenciar o que o outro vivencia e não copiar a ação do outro. Essa imitação das crianças na vivência do outro pode ter ocorrido porque todos os dias elas observam as recreacionistas empilhando os colchonetes, ou seja, colocando-o um em cima do outro.

Desta forma, as crianças não estariam imitando por imitar, mas como forma de se apropriarem da cultura adulta, porém, reelaborando segundo suas necessidades e transformando a cultura em algo próprio e diverso daquilo que lhe serviu de inspiração. (Tártaro, p. 13, 2003).

Finco (2004) também fala desta ressignificação que meninos e meninas fazem da cultura na qual estão inseridos, demonstrando formas variadas e originais de relacionamento, criando, inventando, experimentando, movimentando-se, ou seja, buscando novos sentidos ao que observam ao seu redor.

Portanto, faz parte do trabalho dessas profissionais lidar com as atitudes das crianças de burlarem as regras estabelecidas de uma forma que as respeite, pois a socialização entre elas nestes momentos é muito rica, uma vez que há a mobilização do grupo todo ou de parte deste para praticar tal ação.

Essa ação vivenciada pelas crianças são as grandes fontes da construção de seus saberes e da produção de sua própria cultura.

Assim,

...é possível compreender a positividade das transgressões, nos momentos de brincadeiras, percebendo como meninos e meninas resistem aos padrões pré-estabelecidos, expressando seus desejos, recriando e inventando novas formas de brincar, novas formas de ser. Assim, as crianças estão conhecendo nas relações com outras crianças à possibilidade de "fazer diferente", de usar os brinquedos de formas diferentes daquelas que a sociedade lhes impõe. (Finco, 2004, p. 68)

Meus dados me mostram que as profissionais que trabalham com as crianças do maternal respeitam esse movimento, pois em diversos momentos observei a atitude delas perante as transgressões das crianças. Esse respeito pelo movimento das crianças pode ser observado na própria fala da professora DE ao dizer que

O brincar nessa idade é o fundamental porque a brincadeira delas não é uma simples brincadeira, é onde elas estão criando várias

estruturas para depois ter os conhecimentos mais complexos.

A brincadeira deve ocorrer o tempo todo de acordo com a criança, é a criança que faz a brincadeira. O lugar da brincadeira deve ser onde ela estiver sentindo vontade...

O brincar é muito importante porque na brincadeira ela se socializa, aprende o tempo todo, mas do que a gente imagina. (entrevista)

Assim, a professora diz que não é a brincadeira que conduz a criança, mas a criança que conduz a brincadeira e, por isso, as intervenções delas (das profissionais) são para ajudar as crianças a vivenciarem estes momentos lúdicos e não para ficarem dizendo: **não pode** para tudo.

Portanto, a professora que deixa a criança o tempo todo sentada pintando desenhos mimeografados não está respeitando a criança, além de não estar realizando o seu trabalho, que é de organizar o tempo e o espaço para as crianças vivenciarem o lúdico entre elas.

Desta forma, a criança tem que estar sempre brincando porque como diz Marcellino (1990) a vivência do lúdico é imprescindível em termos de participação cultural crítica e, principalmente, criativa, ou seja, é através do brincar que as crianças produzem as culturas infantis de forma criativa e dão novos significados ao contexto, pois como já mencionado anteriormente, as crianças apropriam-se da cultura adulta para a criação de sua própria cultura.

A recreacionista LE complementa a postura da professora quando diz que

O brincar ocorre na sala, no parque, em todos os lugares... até quando vamos ao refeitório elas vão brincando, pulando, correndo. As crianças da minha sala são muitos

felizes porque estão sempre brincando.
(entrevista)

O lúdico é tão parte da criança que elas próprias brincam sozinhas, em silêncio ou não, isto é, brincam até mesmo sem a presença de outras crianças, como observado no episódio O edredom.

Episódio 3:

O VS acordou, olhou se havia alguém acordado em volta. Como não havia começou a brincar sozinho de entrar embaixo do edredom e sair.

Ao sair ria, ria,...

A LE falou delicadamente para ele não fazer muito barulho para não acordar as outras crianças.

Então, ele sentou no colchonete e ficou olhando as outras crianças. Como viu que ainda não haviam acordado continuou a brincar de entrar debaixo do edredom.

Aos poucos as crianças acordaram.

"O edredom" 16/09/03

Meus dados me mostraram *que a criança brinca em quaisquer circunstâncias, que ela sempre encontra um “jeitinho” para se divertir sozinha ou em grupo, no trabalho ou nas brechas do gerenciamento escolar.* (Carrano, 1992, p. 70).

Finco (op. cit), em sua pesquisa, também pode observar que as crianças estão sempre brincando em quaisquer circunstâncias e até fazendo com que *o seu “próprio corpo se torna à possibilidade da brincadeira”.* (p. 93)

Assim, como já havia dito Prado (1999) a brincadeira é uma atividade tanto dos adultos quanto das crianças, no entanto por diferenciar-se do trabalho na sociedade capitalista, acaba sendo abandonado pelos primeiros e muitas vezes negado ao segundo grupo.

Segundo Huizinga (1986) o brincar sempre apareceu com um caráter de não seriedade nas sociedades capitalistas e, portanto, considerado como algo a ser realizado nos momentos de lazer ou ócio.

Essa não seriedade do brincar está atrelado a sua não produtividade material, ou seja, no brincar a produção não é voltada para a manutenção do sistema capitalista e, por isso, considerada como uma atividade não necessária aos adultos, pois é esperado que estes produzam riquezas aos capitalistas e não produções culturais aos seus grupos.

Mas em tal pesquisa podemos notar que a brincadeira é considerada como fundamental para o trabalho com as crianças e isso, porque *o espírito da racionalidade ainda não as domou* para servirem ao sistema de produção capitalista.(Perrotti, 1990, p. 20).

Para as profissionais que trabalham com as crianças, assim como para Marcellino (p. 72) a importância da brincadeira já se basta em ela ser gostosa, dar prazer e trazer felicidade, não precisando nenhum outro motivo ser acrescentando para afirmar sua necessidade.

Entretanto, ainda há outros motivos tais como: de que através do prazer, a brincadeira, possibilita à criança vivenciar sua faixa etária e ainda, contribui para a sua *formação como ser humano participante da cultura da sociedade em que vive e não apenas como um mero indivíduo requerido pelos padrões de "produtividade social"*.
(p.72)

Assim, a vivência do lúdico para as crianças é muito relevante e para que isto ocorra é necessário que o tempo e o espaço para elas brincarem sejam assegurados, pois poderão assim, criarem suas culturas, as culturas das infâncias, as culturas das crianças.

6. O brincar dos meninos e das meninas

O brincar é essencialmente da criança, porém muitas vezes negado pelo adulto como coloca Marcellino (1990)

...A procura da resposta a esta questão está ligada, creio eu, à dominação exercida sobre a cultura da criança, com o “furto” do seu componente lúdico. Há um descompasso entre o discurso oficial, que reconhece a sua importância e a ação social que se desenvolve nesse sentido. E a restrição de tempo e espaço para a criança, acaba reduzindo a cultura infantil, praticamente, ao consumo de bens culturais, produzidos não por ela, mas para ela, segundo critérios adultos, contribuindo para a transformação do brinquedo em “mercadoria” e para o comprometimento da evasão do real, que possibilita a imaginação de novas realidades. É o desrespeito à cultura da criança, chegando mesmo a inibição da sua própria manifestação e a “contribuição” da Escola neste sentido. (p. 53-54).

Marcellino (op. cit) em sua colocação reafirma que essa visão adultocêntrica muitas vezes se apresenta nas creches, mas tal situação não foi observada na creche pesquisada, uma vez que as recreacionistas e a professora vêem que o brincar faz parte da criança e, portanto, do trabalho realizado na creche.

Por isso, o brincar vivenciado na creche envolve todas as crianças da sala, isto é, não separa meninos de meninas, mas os integra igualmente nas brincadeiras que são destinados a ambos os grupos. Isso pode ser observado no episódio As diversas brincadeiras.

Episódio 4:

Ao terminarem de comer as crianças foram brincar no estacionamento...

O JM e o F começaram a brincar de pega-pega. Primeiro o JM corria atrás do F e depois, este do JM e, assim, sucessivamente.

Enquanto isso, o LD, o LS, o M, a K e a D brincavam de trem, ou seja, cada um estava com uma peça de montar que era um dos vagões do trem, que andava e andava...

A SY, o MA, a B, o JN, a MC e o WH brincavam de casinha. Alguns limpavam a casa, outras lavavam as roupas e outras cuidavam das crianças que eram as duas bonecas.

A SY disse ao WH: filho pede para a sua filha parar de chorar porque a vovó tá preparando a comida.

O WH respondeu: é que ela tá com fome.

A B disse: dá pirulito...

A SY falou: pirulito é doce...

“As diversas brincadeiras” (20/11/03)

Neste episódio vemos que as crianças realizaram diversas brincadeiras ao mesmo tempo e que todas se envolviam independente do sexo que pertencem, isto é,

não houve separação entre brincadeiras de meninos e de meninas, pois todos sempre brincavam juntos.

Por isso, meus dados confirmam que a separação dos meninos e das meninas é algo cultural e não natural, pois neste ambiente em que eles puderam brincar juntos, não houve em nenhum momento alguma intenção de se separarem.

A separação assim, se faz pelos adultos que acreditam que cada um deve conhecer o que é adequado e inadequado ao seu papel e responder a estas expectativas. A criança, ao contrário, vê que tudo é adequado a sua ação, pois tais imposições são convencionais de cada cultura e não pertencentes naturalmente ao homem.

Essa convenção da separação entre homens e mulheres é antiga e esteve sempre presente na escola, desde os seus primórdios, quando só os meninos a freqüentavam. Posteriormente, quando *as meninas conquistaram o direito de serem educadas, receberam uma educação diferenciada com atividades manuais e agulhas.* (Louro, 1997, p. 19)

Entretanto, a interação somente ocorre entre meninos e meninas da mesma sala, pois como disse a professora DE

As crianças se misturam só na hora do vídeo...
é difícil realizar atividade junto porque fica um
número muito grande de crianças. (entrevista)

A recreacionista LE também fala da não interação das crianças do Maternal A com as crianças das outras turmas

As crianças normalmente não se misturam, pois quando saímos para brincar cada sala vai para um lugar. O único dia que ocorreu foi na semana da

criança quando vieram os brinquedos de parque e saíram às salas juntas para brincar. (entrevista)

A outra recreacionista (DO) também confirma a não utilização do trabalho conjunto quando coloca que

È muito difícil às crianças se misturarem. Isso ocorre em dia de vídeo ou após as quatro horas quando algumas recreacionistas vão embora e as duas turmas de maternal ficam juntas. (entrevista)

As falas das profissionais que atuam diretamente com as crianças confirmam que a separação entre as crianças, seja do outro sexo ou de outras idades (com outras turmas) não é natural, mas social, ou seja, são as próprias profissionais que atuam com as crianças que as impossibilitam de brincarem juntas (de interagirem entre si).

A atitude delas reforça o que já é presente na sociedade, isto é, classificar as pessoas em grupos de acordo com alguma de suas características.

Assim, apesar das crianças estarem sendo respeitadas no convívio entre os diferentes sexos, não estão na interação com as outras crianças e, portanto, estão perdendo a oportunidade de interagirem com as crianças de outras faixas etárias.

Essa não interação entre as crianças de turmas diferentes pode ocorrer pela não relação de trabalho conjunto entre as profissionais que atuam diretamente com as crianças, pois como a recreacionista LE disse

...o relacionamento é bom entre as recreacionistas... Com as professoras eu posso falar da minha sala: acho que tem um relacionamento muito bom. (entrevista)

No entanto, as crianças estão sendo prejudicadas pela falta deste trabalho coletivo, uma vez que as crianças ao interagirem com outras crianças, trocam experiências e produzem uma cultura cada vez mais rica, pois já disse Terzi e Cantarelli (2002)

As crianças mais velhas são estimuladas a agir com ternura e boa vontade para com as mais novas, sentem-se recompensadas pela admiração delas e aprendem a desenvolver a capacidade de assumir perspectivas diversas. As mais novas, por sua vez, são estimuladas a tomar iniciativa e a responder ativamente na interação com as mais velhas. (p. 109).

Autores que também falam sobre a relação entre crianças de idades diferentes são Verba e Isambert (1998) que através de seu estudo constataram que tal relação é benéfica para as crianças menores que progredem em suas atividades, ao mesmo tempo em que as mais velhas adquirem prestígio e passam a incentivar as mais novas.

Segundo tais autoras essa relação ocorre em 3 modalidades diferentes: a colaboração, a ajuda de tutela e a imitação organizadora.

A colaboração ...baseia-se no acordo dos companheiros que devem esclarecer suas idéias e intenções e realizar negociações (contratos). O papel do mais velho é o de um amigo que colabora, ou seja, que fornece uma contribuição direta à construção da atividade em curso, beneficiando-se a si mesmo da relação de seu(s) parceiro(s)...Nesse tipo de organização a atividade se constrói através da contribuição recíproca...

...Nas relações de tutela, a criança maior mostra-se atenta à atividade da menor e intervém, seja a pedido desta, seja por conta própria, para fazer com que o trabalho avance. Essas intervenções

podem ser verbais (ordem, conselho, explicações, controle das dificuldades, manutenção da atenção), ou ainda ajudas práticas (demonstração, ajuda por substituição, ofertas de objetos apropriados,...). É claro que o parceiro é livre para aceitar ou recusar tais ajudas...

Na imitação organizadora o mais velho é o modelo de referência...Suas condutas funcionam como organizadoras dos processos dos pequenos que, inspiram-se nessas ações, as reproduzem ou então as transformam, desenvolvendo a idéia de partida. (p. 253-254)

Assim, nas duas primeiras a criança mais velha intervém diretamente na atividade da criança mais jovem e a modifica, enquanto que na terceira, as suas ações organizam a atividade do outro sem tomar parte diretamente.

Portanto, a relação entre as crianças de idades diferentes é muito importante para elas, pois é no brincar com as outras que passam a ter experiências mais ricas e complexas, já que assumem um outro papel diferente da relação com o adulto e com as crianças de sua idade. As crianças são incentivadas a apresentarem um comportamento diferenciado e enriquecedor, uma vez que o estímulo recebido é um desafio, o qual precisam responder a altura.

Por isso, todas as crianças saem recompensadas – as mais novas e as mais velhas – já que vivenciam uma relação com uma perspectiva totalmente nova da ocorrida em sua turma, no qual não há diversidade na faixa etária.

Deste modo, as crianças estão tendo parte de seu lúdico furtado, já que não estão tendo a oportunidade de brincarem junto às outras crianças. O autor Marcellino (op. cit) ao falar sobre as causas do furto do lúdico diz

...Um delas, sem dúvida, é a consideração setorizada do tempo e das faixas etárias, que, se não constitui invenção da sociedade burguesa pelo menos foi reafirmada por ela com cores bastante fortes.
(p. 60)

Assim sendo, essa forma de organização das crianças nas instituições não é natural, mas sim cultural e de uma sociedade que visa a massificação dos indivíduos, pois meus dados, assim como de Finco (2004), confirmaram que

...as brincadeiras são coletivas, nas quais meninos e meninas revezam nos papéis; sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos e femininos, as crianças buscavam um companheiro para brincar e vivenciar momentos agradáveis, não importando ser homem ou mulher, menino ou menina. (p.62).

As crianças, portanto, não possuem práticas sexistas, mas sim brincam e suas brincadeiras são feitas de acordo

...com aquilo que lhes dava prazer, de acordo com a curiosidade. Não existiam fronteiras para os espaços ocupados na brincadeira. As fronteiras do que é permitido e do não é permitido, para cada sexo, não são consideradas nos momentos das brincadeiras. (idem, p. 132), ou seja, meninos e meninas mostram que seus desejos e vontades vão além do que os adultos esperam deles; que possuem a capacidade de criar e (re)criar, de vivenciar situações inesperadas de formas inovadoras. (p. 134)

Portanto, o local pesquisado trouxe algumas contribuições quanto ao trabalho desenvolvido e especialmente quanto à postura das profissionais a respeito das especificidades do brincar das crianças, no entanto ainda apresenta-se contraditório por

não integrar as diferentes turmas, porém os dados me levaram a hipótese e a confirmação de que não há integração no trabalho desenvolvido pelas profissionais e, por isso, não interação das crianças de faixas etárias diferentes.

7. O trabalho: desde o planejamento até o brincar das adultas com as crianças

Os dados por mim recolhidos mostraram que a professora e as recreacionistas pesquisadas visam em seu trabalho com as crianças exclusivamente a brincadeira, além do cuidado com a higiene e a alimentação. Portanto, vemos que o binômio educar-cuidar aparece indissociável na prática educativa empregue por tais profissionais e isso revela que as crianças estão sendo respeitadas nas suas necessidades, uma vez que os dois pilares da creche (cuidar e educar) se faz ao mesmo tempo.

A postura das profissionais pode ser observada na fala da recreacionista LE

...a gente consegue conciliar o trabalho e não ter aquela diferença de professora e recreacionista deixando de atender a criança seja em que momento for. (entrevista)

As crianças são atendidas pela professora e pelas recreacionistas tanto em relação ao cuidar quanto ao educar e, por isso, elas não vêem a diferença em suas funções, como pode ser observado na fala da professora quando diz em entrevista que

Eu ainda não vi definida a função das recreacionistas, mas a maior função delas está na parte do cuidar da criança... só que acaba tanto as recreacionistas quanto a professora pegando as duas funções: a do educar e a do cuidar. (entrevista)

No entanto, apesar de realizarem o mesmo trabalho com as crianças, o papel assumido burocraticamente pelas professoras e recreacionistas na creche não é o

mesmo, uma vez que a jornada de trabalho da recreacionista é o dobro da professora, porém o salário é menor.

Essa diferença burocrática influi no próprio trabalho delas, pois o que é demonstrado é que apesar de terem um bom relacionamento como profissionais da creche, a professora é vista como a responsável pela turma e, portanto, as recreacionistas são as “auxiliares”.

No entanto, no dia-a-dia ambas realizam as mesmas atividades com as crianças, mas com relação aos documentos, como por exemplo, o relatório feito de cada criança no fim de cada semestre, a professora é a responsável.

Isso é muito reforçado pela fala da recreacionista DO ao comentar que

As recreacionistas ajudam a professora no período da manhã com as atividades pedagógicas e a professora nos ajuda a dar banho e trocar as crianças. (entrevista)

As próprias famílias fazem tal diferenciação, pois como observado na entrada das crianças

...quando uma mãe veio conversar com a professora DE sobre o comportamento de seu filho e o desenvolvimento deles nas atividades da creche.

Uma outra mãe pediu para falar com a recreacionista LE, pois queria saber porque fazia dois dias que seu filho não tomava banho na creche. A professora DE foi explicar para a mãe que não estavam dando banho nas crianças porque estava muito frio e elas poderiam adoecer.

A mãe concordou, porém mesmo assim, pediu para conversar com a recreacionista LE. A professora DE a chamou...

A mãe fez a mesma pergunta sobre a questão do banho e obteve a mesma resposta da recreacionista LE.

(Diário de Campo, 16/09/2003)

Diferença esta que inicia-se no planejamento, pois as professoras tem reuniões quinzenalmente para planejar as atividades que realizarão com as crianças. Nessas reuniões, o planejamento se faz entre as professoras da mesma faixa etária, isto é, entre as duas professoras do Mini-grupo, entre as duas do Maternal e, assim, sucessivamente, como vista na fala da professora DE

As reuniões de 15 em 15 dias entre as professoras e a coordenadora da EMEI ajudam, pois é quando são planejadas as coisas que vamos fazer durante as duas semanas. O planejamento é feito coletivamente e é muito importante, pois é o momento que conversamos sobre o que iremos dar para as crianças. (entrevista)

As professoras então, são vistas e se vêem como as aptas a planejar, enquanto as recreacionistas são vistas e vêem-se como aptas a executar. Essa postura é confirmada na fala da recreacionista LE quando diz que

Nós não temos um planejamento porque é a professora que cuida da parte pedagógica. Nós damos brincadeiras, músicas e tentamos não ficar repetindo do dia anterior.

Seria interessante que a gente tivesse um planejamento porque de repente nem seria preciso eu planejar, poderia vir da coordenadora. A gente que fica o dia todo com as crianças não tem tempo de

planejar... diferente da professora que fica quatro horas. (entrevista)

Ou seja, o planejamento esperado por essa recreacionista não é algo que elas façam, mas algo vindo de outrem, como se elas reafirmassem que o educar devesse ficar sob a responsabilidade da professora porque exige mais tempo e é formada para tal, uma vez que elas não têm esse tempo de se reunirem para elaborarem atividades para as crianças.

Já a outra recreacionista diz que há alguns planejamentos, mas não os explica, porém em conversa com ela durante o período de observação notei que o que fazem são registrar o dia das crianças: se alguém adoeceu, se não quis brincar, se não comeu, do que brincaram, o que comeram, etc.

Então, não seria um planejamento, mas o registro dos acontecimentos ocorridos com as crianças em cada dia.

Assim, as recreacionistas apesar de acharem importante o planejamento não o fazem, pois este fica sob responsabilidade da professora que o realiza juntamente com as outras professoras.

Deste modo, as recreacionistas são vistas como as executoras do trabalho com as crianças e elas acabam por assumirem tal papel.

No entanto, as recreacionistas apesar de não realizarem tal prática (o planejamento) que é fundamental a educação infantil, consideram importante o brincar com as crianças e o fazem como é visto na fala da professora DE

Eu brinco com as crianças porque não adianta deixá-la sozinha brincando e eu ficar de lado, assim não tem aquela afinidade. Durante a brincadeira você conhece muito da criança.

Então, se eu deixar ela brincando e fazer outra coisa é um passatempo e a brincadeira perde todo o objetivo porque não estou vendo a ação das crianças nas brincadeiras. (entrevista)

Então, vemos que além de considerar importante o brincar entre as crianças também consideram relevantes o seu brincar com as crianças, o que confirma a idéia defendida por Galardini e Giovannini (2002) quando dizem que

O papel do professor não se limita a preparar e organizar o ambiente para a implementação dos projetos e das atividades. Ele deve também, se envolver nas atividades das crianças. (p. 123)

Essas profissionais estão participando de todas as vivências das crianças, pois como disse a professora se deixar a criança brincando e fizer outra coisa é um passatempo, sendo aqui passatempo diferente do brincar espontâneo em que a professora observa a ação das crianças na interação com as outras, mas é deixá-las soltas sem intervenção ou sem observá-las.

Então, é importante olhar com outros olhos para as crianças pequenas e principalmente para o brincar delas, pois como coloca Rinaldi (1999)

Ao olharmos para as crianças com outros olhos, crescemos junto delas, reinventamos e reeducamos a nós mesmos junto com as crianças. Desse modo, não apenas o nosso conhecimento organiza o conhecimento das crianças, mas também o modo de ser e lidar com a sua realidade influencia similarmente o que conhecemos, sentimos e fazemos. (p. 122)

Faria (1999) ainda acrescenta sobre o brincar das adultas com as crianças

Brincar com as crianças é permitir o tempo necessário para que elas possam brincar, requer do adulto-educador conhecimento teórico sobre o brinquedo e o brincar, e muita paciência e disciplina para observar, sem interferir em determinadas atividades infantis, além da disponibilidade para (re)aprender a brincar, recuperando/reconstruindo sua dimensão brincalhona. (p. 213)

Assim, essas profissionais têm uma grande disponibilidade para o brincar com as crianças, ou seja, tem uma grande empatia, empatia esta que permite com que vivenciem junto, este momento de brincar, de trocar experiências, de afeto, de alegria, etc., já que suas escolhas se fazem naquilo que lhes dão prazer, naquilo que tem curiosidade. (Galardini e Giovannini, 2002, p. 123).

Essas profissionais ao compartilharem com as crianças esses momentos de brincar passam a conhecê-las mais, pois ao ficarem próximo a elas começam a ver suas diferentes formas de linguagem e o processo de suas produções culturais, ou seja, passam a aprender o que as crianças trazem de novo em suas brincadeiras.

Portanto, no brincar não é somente as crianças que constroem seus saberes, mas as adultas que aprendem os saberes das crianças e a brincar como elas.

Considerações finais:

A brincadeira das crianças pequenas foi o tema desta pesquisa que teve por objetivo observar o brincar dos meninos e das meninas juntos e verificar a atitude da professora e das recreacionistas perante as especificidades desse brincar.

A pesquisa deteve-se aos momentos em que meninos e meninas estavam juntos, ficando assim para uma posterior pesquisa o brincar na creche dos meninos entre si e das meninas entre si.

Nesta pesquisa, os dados coletados mostraram que a relação entre as crianças ocorrem em diversos momentos, sendo que é através dessas relações que elas trocam experiências, vivências e saberes.

Os dados também mostraram que o momento em que ocorre maior interação entre as crianças é durante as brincadeiras, pois esta (a brincadeira) permite grande comunicação e expressão entre as crianças. Portanto, os momentos de brincadeira são os mais ricos, pois neles as crianças trocam experiências, ressignificam o seu contexto e produzem suas culturas infantis.

As produções culturais das crianças não envolvem somente o produto final, mas todo o processo vivido pela mesma, processo esse que é repleto de criatividade, pois *“a criança está sempre pronta para criar outros sentidos para os objetos que possuem significados fixados pela cultura dominante, ultrapassando o sentido único que as coisas novas tendem a adquirir”*. (Jobim e Souza, apud Bufalo, 1997, p. 26)

Devido essa criatividade da criança, ela consegue brincar em qualquer circunstância, já que dá novos significados aos objetos com que brinca e, por isso, suas brincadeiras são feitas de acordo com aquilo que lhes dá prazer e curiosidade.

O brincar da criança então, vai além do que o adulto espera, uma vez que este não tem fronteira, pois tudo é possível, tudo é válido, já que a criança cria, assim, como foi observado no episódio em que usaram as canecas como brinquedos, isto é, como “instrumentos de brincar”.

As crianças observadas na creche ainda puderam nos mostrar que o brincar faz parte delas e, por isso, elas não se separam, ou seja, não há separação entre brincadeira de meninos e de meninas, pois o que procuram são parceiros para o seu brincar.

Deste modo, a separação entre meninos e meninas não é natural, mas social, pois como revelaram os dados à não mistura das crianças de turmas diferentes não se fez pelas crianças, mas sim pelas adultas (professoras e recreacionistas) que não promoveram espaços para que essas relações ocorressem.

As crianças observadas, portanto, ainda não possuem práticas sexistas em suas brincadeiras, ou seja, elas ainda não reproduzem o sexismo presente no mundo adulto, porém aos poucos, devido à convivência com os adultos passarão a reproduzir esse sexismo, pois como Louro (1997) constatou “*as crianças vão aprendendo a oposição e a hierarquia dos sexos ao longo do tempo que permanecem na escola*” ou convivendo com os adultos. (p. 17)

Assim, quando ocorre a separação é por causa dos adultos que acreditam que cada um deve conhecer o que é adequado e inadequado ao seu papel e responder a estas expectativas. A criança, ao contrário, vê que tudo é adequado a sua ação, pois tais imposições são convencionais de cada cultura e não pertencentes naturalmente ao homem.

Outro ponto que os dados mostraram é a falta de planejamento, que apesar de ser considerado importante pelas profissionais somente é realizado pelas professoras, ou

seja, as recreacionistas acabam por ficar apenas com a função de executoras das atividades realizadas na creche.

Além disso, mesmo o planejamento realizado pela professora não é feito com as profissionais de sua turma, mas sim com as outras professoras da EMEI, o que demonstra a fragilidade deste aspecto tão relevante à prática educativa com as crianças.

Entretanto, apesar desta fragilidade essas profissionais participam de todas as vivências das crianças durante suas brincadeiras, uma vez que consideram importante o seu brincar com elas.

Os dados também revelaram que o ambiente pesquisado inicia uma prática em que valoriza as culturas infantis. Culturas estas que não separam corpo de mente, mas os concebem indissociáveis. Essa união ocorre porque

O corpo de uma criança se faz conforme as forças que desdobra; jamais se limita ao seu corpo fisiológico, pois o imaginário é incorporal-corporal. Os encontros afetivos produzem imagens, qualidades e caminhos diferenciados que se encontram com o real; e por isso, o corpo da criança é produto deste encontro, real e imaginário. (Katz apud Prado, 1998, p. 67).

Portanto, a creche pesquisada está comprometida com o cuidado, a aprendizagem, a sociabilidade e a animação das crianças, uma vez que as profissionais estão cumprindo o seu papel de organizar o tempo e o espaço das crianças na esfera pública e por isso, elas (as crianças) estão desenvolvendo todas as suas potencialidades humanas. No entanto, muito ainda deve ser feito para que cada vez mais as crianças de 0 a 6 anos tenham esses espaços de educação coletiva garantidos em que o educar e o cuidar apareçam presentes e indissociáveis.

Bibliografia:

ANDRE, Marly e LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

ARIES, Philippe. **História social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BECCHI, Egle & BONDIOLI, Anna (org.). **Avaliando a Pré-Escola: uma trajetória de formação de professoras.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Summus, 1984.

BONDIOLI, Ana. A dimensão lúdica na criança de 0 a 3 anos e na creche. In BONDIOLI, Ana e MANTOVANI, Susanna (orgs). **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p. 212 – 227.

BONOMI, Adriano. O relacionamento entre educadores e pais. In BONDIOLI, Ana e MANTOVANI, Susanna (orgs). **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p. 161 – 172.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, D.O.U., dez 1996.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2001.

BUFALO, Joseane M.P. **Creche: lugar de criança, lugar de infância: um estudo sobre as práticas educativas num CEMEI de Campinas.** Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1997.(Dissertação).

CAMPOS, Maria M e ROSEMBERG Fulvia. **Critérios para atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995.

CARRANO, Paulo César. **Se der tempo à gente brinca. O lúdico e o lazer da criança que trabalha e estuda**. 1992.

CARVALHO, Ana Maria e BERALDO, Katharina E. Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nov. 1989, p. 55-61.

COUTO, Adriana. **Coisas de menina, coisas de menino: o corpo feminino e o corpo masculino na pré-escola**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1998. (TCC)

DE SANTIS, Lúcia Maria. **Infância: tempo de brincar?** Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1998. (TCC)

EDWARDS, Carolyn et al. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artemédica, 1999.

FANTIN, Mônica. **Jogo, brincadeira e cultura na educação infantil**. Ilha de Santa Catarina, Santa Catarina: UESC, 1996 (Dissertação).

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da Educação Infantil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Cortez, 1999.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Silveira (orgs). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados; São Carlos: UFSCAR; Florianópolis: UFSC, 2001, p. 67-97.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. **Gênero e desigualdade. Cadernos Sempre Viva**. São Paulo: SEF, 1998.

FERNANDES, Florestan. A cultura infantil. In: As trocinhas do Bom Retiro. In: **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 153-258.

FINCO, Daniela. **As concepções de brincar entre as recreacionistas do CECI**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2000. (TCC)

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem como homem, mulher com mulher: relações de gêneros nas brincadeiras de meninos e de meninas na pré-escola**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2004. (Dissertação)

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Proposições**. Faculdade de Educação da Unicamp – Campinas. Vol. 14, nº 3 (42), set/dez de 2003, p. 89-101.

FRANÇA, Gisela W. O papel do jogo na educação das crianças pequenas. **Idéias** nº 7, São Paulo: FDE, 1990, p. 16-53.

_____. **Tia, me deixa brincar! – O papel do jogo na educação pré-escolar**. São Paulo: PUC/SP, 1990 (Dissertação).

FRIEDMANN, A. e outros. **O direito de brincar**. Rio de Janeiro: Scritta, 1998.

GALLARDINI, Annalia e GIOVANNINI, Donatella. Pistóia: elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: GANDINNI, Lella e EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à Educação Infantil**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2002, p. 117-132.

GERIBOLA, Vânia. **Pernas cruzadas e mãos no joelho: superando o sexismo em busca de uma pedagogia feminista**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2002. (TCC)

GOODE E HATT. **Métodos de pesquisa**. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

GOBBI, Márcia Aparecida. **Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil.** Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1997. (Dissertação).

HUIZINGA, Joan. **Homo ludens: o jogo como conhecimento da cultura.** São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1986.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 2002.

_____. **O jogo, a criança e a educação.** São Paulo: FEUSP, 1992 (Tese de Livre docência).

_____. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 1998.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Educação Infantil e currículo. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Silveira (orgs). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios.** Campinas: Autores Associados; São Carlos: UFSCAR; Florianópolis: UFSC, 2001, p. 51-65.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MARCELLINO, Nelson. **Pedagogia da animação.** Campinas, SP: Papyrus, 1990.

NOGUEIRA, Denise C. **A criança pequena produz cultura? Um estudo introdutório sobre o convívio das diferenças entre crianças pré-escolares.** Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1997. (TCC)

OLIVEIRA, Paulo S. **Brinquedo e indústria cultural.** Petrópolis: Vozes, 1986.

O que é brinquedo. São Paulo: Brasilense, 1984.

ONGARI, Bárbara Emolina e MOLINA, Paola. **A educadora de Creche: construindo suas identidades.** São Paulo: Cortez, 2003.

PALMEN, Sueli. **O lugar do imprevisto no espaço da educação infantil.** Campinas, SP: Faculdade de Educação da Unicamp, 2000. (TCC)

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **A produção cultural para criança.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 9 – 27.

PRADO, Patrícia D. **Educação e Cultura Infantil em Creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequeninhas em um CEMEI de Campinas/SP.** Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1998 (Dissertação).

PRADO, Patrícia. Crianças pequenas produzem cultura? **Proposições.** Faculdade de Educação da Unicamp – Campinas. Vol. 10, nº 1 (28) març de 1999, pág. 20-25.

PRADO, Patrícia Dias. Quer Brincar comigo? Pesquisa brincadeira e educação infantil. In FARIA Ana Lucia Gourelart de; DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias; (orgs): **Por uma Cultura da Infância: Metodologia de Pesquisas com crianças.** Campinas, SP; Autores Associados, 2002, p. 93 – 111.

RABITTI, Giordana. **A procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emília.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.

RINALDI, Carlina. Reggio Emília: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: GANDINNI, Lella e EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à Educação Infantil.** Porto Alegre. Artes Médicas, 2002, p. 75 – 80.

SAYÃO, Débora Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Proposições.**

Faculdade de Educação da Unicamp – Campinas. Vol. 14, nº 3 (42), set./dez de 2003, p. 67-87.

SILVIA, Kátia M. **O corpo sentado: notas críticas sobre o corpo e o sentar na escola.** Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1994. (TCC)

TÁRTARO, Camila dos Reis. **Livros da vida: um estudo sobre o registro e a produção cultural infantil em uma pré-escola no município de Hortolândia.** Campinas, SP. 2003. (TCC)

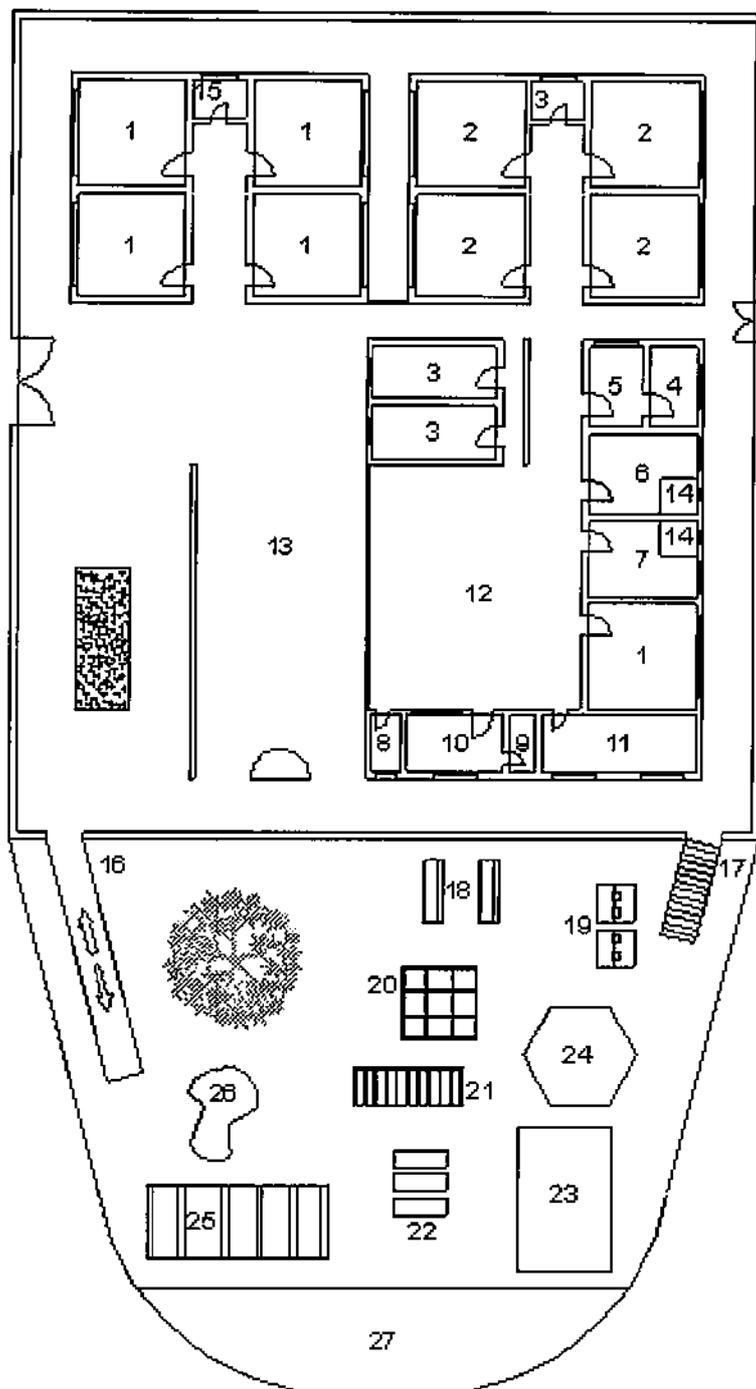
TAVARES, Regina M. M. (coord.). **Brinquedos e brincadeiras: patrimônio cultural da humanidade.** Campinas: CCA/PUC – Campinas – 1997.

TERZI, Nice e CANTARELLI, Marialuisa. Parma: incentivando o trabalho dos professores através do desenvolvimento profissional, da organização e do apoio administrativo. In: GANDINNI, Lella e EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à Educação Infantil.** Porto Alegre. Artes Médicas, 2002, p. 105 – 116.

VERBA, Mina e ISAMBERT, Annalise. A construção dos conhecimentos através das trocas entre crianças: estatus e papel dos “mais velhos” no interior do grupo. In BONDIOLI, Ana e MANTOVANI, Susanna (orgs). **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p. 245 – 258.

ANEXO I

Planta arquitetônica do prédio



Legenda da área interna:

1. Salas da pré-escola
1. Salas da creche
2. Banheiro infantil
3. Secretaria
4. Diretoria
5. Coordenação
6. Salas das professoras e recreacionistas
7. Lavanderia
8. Despensa
9. Cozinha
10. Vestiário
11. Refeitório
12. Pátio
13. Banheiro
14. Almojarifado

Legenda da área externa:

16. Rampa
17. Escada
18. Escorregador
19. Balança
20. Trepá-trepá
21. Trepá-trepá
22. Gangorra
23. Tanque de areia
24. Quiosque
25. Horta
26. Lagoa
27. Estacionamento

ANEXO II

Roteiro de observação¹³

1. Atitude das recreacionistas enquanto as crianças brincam (brincam junto ou somente observam).
 - 1.1 Se brincam: como brincam.
 - 1.2 Se observam: como observam.
2. Como é o brincar das crianças dentro e fora da sala.
3. Como é o brincar entre as meninas e os meninos.
4. Qual é a postura das recreacionistas quando uma menina brinca com um brinquedo ou brincadeira dito de menino (ou vice-versa).
5. Como é a interação da criança com outra criança ou com o adulto enquanto brinca.
6. Quais são as brincadeiras mais freqüentes.
7. Quais os brinquedos que mais utilizam na brincadeira.
8. Qual é o tipo de conversa entre as recreacionistas enquanto estão com as crianças?
9. O que faz as recreacionistas enquanto as crianças brincam?

¹³ Roteiro baseado na dissertação de Bufalo (1997)

ANEXO III

Roteiro de entrevista¹⁴

1. Noção de creche:

1. Por que você trabalha na educação infantil?
2. Na sua opinião qual a função da creche?

2. O trabalho realizado:

3. Há planejamento das atividades propiciadas as crianças? Se há como e quando é feito e quem participa? E você o considera importante?
4. Como deve ser o trabalho das profissionais de educação infantil, especialmente as da creche?

3. As relações entre as profissionais:

7. Qual a função das recreacionistas?
5. Como é a relação entre as recreacionistas?
6. Como é a relação entre as recreacionistas e as professoras?

4. A brincadeira:

7. Qual é o momento que as crianças mais gostam na creche? E o que menos gostam?
8. Para você o que é o brincar? Como, quando e onde ocorre?

¹⁴ Roteiro baseado no TCC de Finco (2000)

9. Quem geralmente participa das brincadeiras (criança-criança ou criança-adulto)?
10. Quais os espaços e os brinquedos utilizados para as brincadeiras?
11. Existem momentos em que os grupos de crianças se misturam? Se há como é?

5. A família:

12. Qual é a relação da família com a creche? O que você acha dessa relação?
13. Qual é a importância que você vê na participação dos pais na creche?

ANEXO IV

Noção de creche

Entrevista A

Eu acho que é na educação infantil que as bases são formadas e por isso, o meu interesse estava sendo maior.

A função é em primeiro lugar dar socialização para as crianças... o cuidado e o carinho.

Entrevista B

Não foi uma opção de trabalho... eu tinha acabado de sair do banco e estava procurando emprego. Então, surgiu a oportunidade de concurso: prestei, passei e me chamaram.

Já um ano e meio trabalho em EMEI e estou amando.

A função da creche é principalmente educar, mas também cuidar e dar carinho.

Entrevista C

Eu trabalho na educação infantil porque gosto. Já trabalho há 3 anos.

A função da creche é de educar a criança e dar carinho.

O trabalho realizado

Entrevista A

Nós que trabalhamos com as crianças temos que melhorar cada dia mais porque a gente nunca está completa, sempre tem alguma coisa nova. Cada ano há um aluno diferente com uma necessidade diferente.

Então, tenho que estar sempre me aprimorando.

As reuniões de 15 em 15 dias entre as professoras e a coordenadora da EMEI ajudam, pois é quando são planejadas as coisas que vamos fazer durante as duas semanas. O planejamento é feito coletivamente e é muito importante, pois é o momento que conversamos sobre o que iremos dar para as crianças.

As atividades que trabalhamos são sempre em cima de alguns conceitos como dentro, fora, em cima, embaixo e as cores. Primeiro faço as brincadeiras pra depois registrar alguma coisa e quando a gente registra normalmente é algo coletivo: um cartaz coletivo.

Eu usei pouca folhinha individual porque acho que os pais estão mandando essas crianças na creche não para ficar aprendendo conteúdo.

Entrevista B

Tem reunião uma vez por mês para as recreacionistas e as coordenadoras das EMEI's. Os assuntos tratados são a forma de trabalhar com as crianças e é falado muito no direito das crianças.

Nós não temos um planejamento porque é a professora que cuida da parte pedagógica. Nós damos brincadeiras, músicas e tentamos não ficar repetindo do dia anterior.

Seria interessante que a gente tivesse um planejamento porque de repente nem seria preciso eu planejar, poderia vir da coordenadora. A gente que fica o dia todo com as crianças não tem tempo de planejar... diferente da professora que fica quatro horas.

O planejamento é bom porque ajuda saber o que dar as crianças, principalmente quem não tem essa preparação pedagógica, mas é cobrada por ela.

Tem os cursos, mas não é a mesma coisa da formação.

Entrevista C

Tem reuniões e há alguns planejamentos. Nós recreacionistas que planejamos e registramos as brincadeiras. A professora tem o planejamento dela para a parte pedagógica.

O planejamento é importante porque contribui para o trabalho.

Nós sempre temos que buscar formas novas de trabalhar, inovando... temos que estar estudando para buscar desenvolver coisas melhores.

As relações entre as profissionais

Entrevista A

Eu ainda não vi definida a função das recreacionistas, mas a maior função delas está na parte do cuidar da criança... só que acaba tanto as recreacionistas quanto a professora pegando as duas funções: a do educar e a do cuidar.

No começo é um pouco complicado porque são cabeças diferentes que estão no mesmo lugar, mas na minha sala está tendo uma harmonia muito boa, muito boa... uma ajuda à outra, uma dá idéia pra outra.

E as recreacionistas, uma coopera com a outra... se uma precisa sair mais tarde à outra vem um pouco mais cedo e tentam nunca me deixar sozinha no dia.

Entrevista B

O relacionamento é bom entre as recreacionistas. Com as professoras eu posso falar da minha sala: acho que tem um relacionamento muito bom, a gente consegue conciliar o trabalho e não ter aquela diferença de professora e recreacionista deixando de atender a criança seja em que momento for.

Entrevista C

A relação das recreacionistas é boa. Com as professoras também é boa.

As recreacionistas ajudam a professora no período da manhã com as atividades pedagógicas e a professora nos ajuda a dar banho e trocar as crianças.

A brincadeira

Entrevista A

Eu percebo que elas gostam muito do parque, mas infelizmente a gente vai ao parque uma vez por semana e o tempo é de 30 minutos... Eu acho muito pouco, sempre fico um pouco mais.

Não sei se há algum momento que elas não gostam.

O brincar nessa idade é o fundamental porque a brincadeira delas não é uma simples brincadeira e onde elas estão criando várias estruturas para depois ter os conhecimentos mais complexos.

A brincadeira deve ocorrer o tempo todo de acordo com a criança, é a criança que faz a brincadeira. O lugar da brincadeira deve ser onde ela estiver sentindo vontade.

Tem brincadeiras que nós fazemos junto com elas, tem as brincadeiras que a gente deixa um pouco mais livre para a parte da função simbólica e outras que a gente direciona para a parte do físico-motor, do lógico-matemático: as brincadeiras de passar por baixo do túnel, coelhinho sai da toca com arco, dança da almoçada, que seria a dança da cadeira só que com almofadas são brincadeiras direcionadas que a gente está criando alguns conceitos.

Eu brinco com as crianças porque não adianta deixá-la sozinha brincando e eu ficar de lado, assim não tem aquela afinidade. Durante a brincadeira você conhece muito da criança.

Então, se eu deixar ela brincando e fazer outra coisa é um passatempo e a brincadeira perde todo o objetivo porque não estou vendo a ação das crianças nas brincadeiras.

O brincar é muito importante porque na brincadeira ela se socializa, aprende o tempo todo, mas do que a gente imagina.

Os espaços que utilizamos para as brincadeiras é a sala que na minha opinião é bem grande; o estacionamento que vamos no dia de brinquedo; o parque e o pátio.

Já brinquedos não têm muito. Tem os brinquedos de montar que os pais trouxeram, eu trouxe de casa alguns ursinhos e bonecas, a creche deu um cavalinho e dois carrinhos. Também, tem o arco, a corda, a bola, mas são materiais para realizarmos brincadeiras com elas que a EMEI fornece.

As crianças se misturam só na hora do vídeo... é difícil realizar atividade junto porque fica um número muito grande de crianças.

Entrevista B

Eu acho que não tem o que elas menos gostam. Elas gostam de tudo: na hora de tomar banho correm para pegar a bolsa e para ir ao parque também.

No geral elas participam de tudo. Pra elas tudo é uma brincadeira.

O brincar ocorre na sala, no parque, em todos os lugares... até quando vamos ao refeitório elas vão brincando, pulando, correndo. As crianças da minha sala são muitos felizes porque estão sempre brincando.

Nós recreacionistas e as professoras participamos das brincadeiras das crianças... eu principalmente adoro brincar com elas.

A criança aprende brincando mas é importante ter um adulto que a oriente porque senão ela não vai ter coisas novas. A criança sozinha, sozinha, sem ninguém não aprenderia, pois precisa de um adulto ou uma criança que a oriente.

Os espaços da brincadeira são a sala, o parque, o estacionamento, o pátio e atrás das salas.

As salas da EMEI são boas, porém os espaços não foram bem planejados, principalmente para nós da creche que trabalhamos com crianças pequenas: os brinquedos do parque são grandes para as crianças, o pátio é um espaço grande e aberto, porém tem o palco que é perigoso porque as crianças podem cair.

É preciso ter um lugar fechado... não fechado como uma sala, mas um lugar que pudessem brincar sem o perigo de dispersar, pois senão elas vão para outro lugar e você tem que procurar pelos corredores da EMEI inteira.

Teria que haver um lugar que tivesse visão do parque, da lagoa e das árvores. Por isso, a gente prefere brincar atrás das salas porque tem grade de dois lados e as crianças não se dispersam: podem correr, pular, dançar e brincar que estamos olhando... não tem perigo de se machucarem.

Também, levamos no estacionamento porque elas têm a visão de todos os lados e os pais que passam estão vendo elas brincarem e correrem sem perigo.

Os brinquedos que usamos são bambolê, bonecas, cavalinho, túnel e os que trazem de casa... não tem muitos brinquedos na EMEI.

As crianças normalmente não se misturam, pois quando saímos para brincar cada sala vai para um lugar. O único dia que ocorreu foi na semana da criança quando vieram os brinquedos de parque e saíram às salas juntas para brincar.

Entrevista C

Os que mais gostam é o momento do parque e o que menos gostam, para algumas é a hora de dormir, porque sentem a falta da mãe.

O brincar é deixar a criança livre para escolher a vontade o que fazer, escolher o que quer brincar.

O brincar deve ocorrer a todo o momento e em todo lugar porque é na brincadeira que desenvolve o seu faz de conta.

Geralmente nós participamos das brincadeiras de roda.

A criança aprende a todo o momento mas é importante a presença do adulto para orientá-la. As outras crianças também ajudam muito.

Os espaços utilizados para as brincadeiras são o parque, o pátio, a sala... todos os locais da EMEI podem ser utilizados, porém os espaços não foram bem planejados, pois têm lugares que trazem perigos as crianças, como alguns brinquedos do parque que são muito grandes para elas.

Já o tanque de areia é um bom lugar para brincarem, pois é grande e não traz risco as crianças.

Os brinquedos que utilizam são peças de montar, cavalinho e brinquedos trazidos de casa. Os próprios elementos da sala viram motivos para a brincadeira.

È muito difícil às crianças se misturarem. Isso ocorre em dia de vídeo ou após as quatro horas quando algumas recreacionistas vão embora e as duas turmas de maternal ficam juntas.

A família

Entrevista A

A relação da família está sendo boa. No começo as mães ficam muito inseguras, mas depois pegam segurança e aí, o relacionamento fica bom.

Algumas mães vêm na creche só para cobrar, mas aos poucos com o passar do tempo elas vão criando mais confiança.

A participação dos pais é muito importante porque a gente entende alguma coisa do que está acontecendo com a criança quando conversa com os pais.

Entrevista B

A maioria dos pais participa e é muito bom.

É importante os pais estarem presente porque a criança passa a maior parte do dia aqui na creche...se a participação, os pais ganham porque conhecem o nosso trabalho, nós porque temos a segurança de pedir auxílio se necessário e principalmente, as crianças que são o centro dessa relação.

Entrevista C

Alguns pais são participativos, porém outros já são omissos. Os pais omissos pensam que nós temos que conseguir fazer tudo e acham que não precisam fazer nada...eles reclamam de tudo.

Já os pais participativos sabem do nosso trabalho e colaboram e, por isso, é importante a participação deles.